

AS HISTÓRIAS: NILAB



Nome próprio: **NILAB**

Apelido: **DOST**

Idade: **37**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Alemanha** desde: **1981**

RESUMO

Nilab deixou o seu país, Afeganistão, quando era criança, com menos de 2 anos, juntamente com os seus pais e a irmã mais velha. Veio para a Alemanha, morou numa pequena cidade no norte do país e frequentou a escola. Os seus pais fizeram um grande esforço para fazer da Alemanha o novo lar da família, enquanto os seus filhos frequentavam o infantário e a escola. Ainda que já tenha deixado o seu país de origem há 35 anos, ainda por vezes se sente “diferente”. Vem de uma família muito liberal e isso foi algo que a marcou.

“A LÍNGUA AINDA SOA A CASA.”

DO AFEGANISTÃO À ALEMANHA

O pai de Nilab era comunista, e quando os Talibãs chegaram ao poder passou a ser uma pessoa perseguida. A família teve de esconder-se e ficou claro que a família tinha de deixar o país. A família tinha uma vida muito boa no Afeganistão, mas estavam em grande perigo.

O objetivo era ir para a Europa, uma vez que a família alargada tinha muitos contatos na Grã-Bretanha, França, Alemanha, e alguns familiares viviam mesmo em países europeus. A sua mãe queria ir para a Espanha, mas as hipóteses de obter uma autorização de residência eram maiores na Alemanha.

Quando chegaram à Alemanha, foram primeiro para Frankfurt e depois foram conduzidos para uma pequena aldeia no norte do país e desta para uma pequena cidade na vizinhança. Foram os primeiros refugiados a morar lá e os primeiros muçulmanos. Nilab e a sua irmã foram colocadas num infantário, mas a sua irmã recusava-se a falar. Havia lá uma mulher simpática que fez um grande esforço para ajudar a família a enfrentar os desafios durante os primeiros meses na Alemanha. Foram ajudados por dois casais que foram especialmente úteis e que ainda hoje são bons amigos da família. A mãe de Nilab rapidamente encontrou emprego porque era enfermeira, mas o pai teve maior dificuldade. Aprendeu alemão na biblioteca, onde havia cursos de alemão, e, passado algum tempo, conseguiu um emprego. Mas em comparação com a sua posição no Afeganistão (onde era um administrador), o trabalho oferecido estava abaixo do seu nível de competências. Ainda assim, abriu um novo caminho.

Enquanto isso, Nilab e a irmã frequentavam a escola, onde ainda se sentiam “fora”. Não conheciam as regras e costumes da cultura alemã (como por exemplo, receber prendas no Natal) e ainda que os pais tentassem integrar-se na sociedade alemã, para facilitar a vida de suas filhas, ainda eram “os migrantes”. Durante as festividades, como festas de aniversário ou celebrações do Natal, todos os migrantes ficavam sentados numa mesma mesa, porque a

Deve seguir o seu caminho e não se deixar enganar.

AS HISTÓRIAS: NILAB

professora achava que assim era melhor. Não tinham nada em comum, mas ainda assim era assim que se fazia.

PERTENÇA? FOI DIFÍCIL E NÃO LHES FOI FACILITADA

Embora Nilab nunca tenha ido ao Afeganistão (ela queria ir, mas ainda não aconteceu), ela fala Dari (língua persa falada pelos afegões). Nilab fala Dari com os seus familiares sempre que possível. Poucos permanecem no Afeganistão, estão hoje espalhados por toda a Europa. Mas ouvir a língua materna ainda soa a “casa”.

Quando Nilab tinha 10 anos, a família obteve a autorização de residência e foi neste momento que os pais decidiram ficar na Alemanha. A transição foi, de certa forma, mais fácil do que pensavam, porque na década de 1970, o Afeganistão tinha uma sociedade muito liberal e estava aberto a contatos e relações internacionais.

Na Alemanha, cada família tinha uma velocidade diferente de integração e não havia muita consciência sobre as dificuldades dos processos de integração, em comparação com hoje ou com a Grã-Bretanha, onde a sociedade aprendeu a viver numa cultura multicultural mais cedo.

**Sou
uma cidadã
do mundo e não
preciso de justificar
onde vivo.**

AINDA, UMA TRABALHADORA MIGRANTE

Quando Nilab tinha 20 anos, mudou-se para Hamburgo, e claro a vida era diferente aqui. Tinha (e ainda tem) muitos amigos com antecedentes culturais diferentes dos seus e sente-se como uma cidadã do mundo. Mas no trabalho, teve que defender-se mais do que uma vez... “É capaz de fazer impressões? Precisamos disso!” Ou “você realmente fala um alemão muito bom”... Eis alguns

dos comentários mais educados que ouviu durante entrevistas de emprego. Sempre senti que tinha de explicar que era capaz de trabalhar na Alemanha, embora sendo do Afeganistão. A sua estratégia é a de seguir o seu caminho, olhar muito de perto e tentar não se legitimar, mesmo porque não precisa. É o que tenta ensinar aos outros. E não apenas aos refugiados ou migrantes.